

pela maior parte do público presente, como um truque muito engenhoso". Doyle interpretou esta proeza como "a comercialização do poder psíquico", semelhante à desmaterialização e rematerialização, aparentemente implicada no aparecimento de "apports" [flores, frutos e objetos que surgem, trazidos pelos espíritos] em sessões espíritas.

As repetidas negativas de Houdini foram desprezadas por Doyle. "Com certeza", disse ele, "sua carreira teatral ficaria, de fato, arruinada se ele admitisse que a maior parte dela devia-se a poderes psíquicos!" Doyle citou outras pessoas como tendo dito a seu respeito: "Que absurdo, Doyle atribuir possíveis poderes psíquicos a um homem que nega possuí-los!" E disse mais: "Não parece bastante evidente que, se ele não os negasse, seu trabalho estaria acabado para sempre? O que os seus irmãos mágicos diriam para um homem que admitiu que a metade dos seus truques foi feita por algo que eles encarariam como forças ilícitas? Isto seria 'Fecha-se a cortina para Houdini'." No dia 7 de julho de 1930, pouco depois que o seu ensaio sobre Houdini foi publicado, Conan Doyle morreu.

Yellen comenta: "Na necessidade, que Conan Doyle sentia, de convencer e converter Houdini à verdade espiritualista, podemos ler as dúvidas íntimas sofridas pelo próprio Doyle — dúvidas que o acompanharam depois de sua anunciada conversão. Houdini, como Holmes, representou esse seu outro lado, que permaneceu enraizado na filosofia materialista. Era necessário matar Holmes, como, mais tarde, também foi necessário romper com Houdini, quando sua intransigência contra o espiritualismo ameaçou, com força demasiada, as crenças do próprio Doyle. Ele conclui que, a despeito dos lapsos de fé que Doyle pudesse ter tido e que foram "indicados por sua contínua busca de provas, o espiritualismo satisfaz as necessidades fundamentais da sua personalidade; ofereceu, a este homem que tanto amou o sucesso e a vida ativa, uma promessa de continuação".

THOMAS EDISON: 84 anos

UMA MÁQUINA PARA COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS

Os mitos crescem ao redor de cada grande homem, e Thomas A. Edison (1847-1931) não foi exceção. A maioria das crianças das escolas americanas aprende que o jovem Edison ficou surdo quando um ferroviário esmurrou suas orelhas, como castigo por haver deixado explodir o seu [de Edison] laboratório, instalado a bordo de um trem. Isso é um mito. Na realidade, Edison ficou parcialmente surdo depois de uma forte febre, quando teve escarlatina, na infância. O que nenhuma criança de escola jamais encontra é uma realidade que é mais estranha do que o mito — a das experimentações de Edison, na pesquisa psíquica.

Seguindo a tradição do gênio autodidata — Edison teve apenas seis semanas de educação escolar — ele começou suas experiências quando ainda criança, sozinho com seu equipamento e suas idéias. Explosões ocasionais, no porão, aterrorizavam seus pais, que temiam que um dia ele explodisse a casa inteira. Apesar de Thomas ser o mais novo dos oito filhos do casal, seu pai considerou-o o mais difícil. Com certeza ele ficou aliviado quando o jovem Tom, na idade de onze anos, decidiu vender jornais em um trem. Este foi o começo de uma carreira aventureira, que fez de Edison um inventor milionário e arrebatou a imaginação do mundo.

A extraordinária capacidade de trabalho de Edison (ele cunhou a frase: "Gênio é noventa e nove por cento transpiração e um por cento inspiração") resultou em mais de mil invenções patenteadas, além de aperfeiçoamentos. Suas invenções famosas incluem o fonógrafo, a lâmpada elétrica, a bateria alcalina, melhoramentos nos filmes cinematográficos e um sem-número de engenhos eletrônicos. Agora esquecido, está o seu aparelho para comunicação com os mortos.

Embora os biógrafos de Edison esquadrinhem cada detalhe do seu trabalho inventivo, eles fazem silêncio sobre suas experiências com a percepção extra-sensorial. Mas o homem, que por duas décadas foi votado como o "Cidadão Mais Útil"